

COLEÇÃO
pensamento & vida
VOLUME 8

KARL MARX

OU A SOCIOLOGIA DO MARXISMO

Luiz Feracine


LIVROS ESCALA

Introdução

Embora o texto deste livro conserve o seu título original de algumas décadas atrás e por isso se apresenta como sociologia acerca do Marxismo, é necessário ter presente que Karl Marx, ao divulgar suas idéias políticas, embasa o pensamento na filosofia de Georg Wilhelm Hegel (1770-1831). Em vez de colher os informes transmitidos pela estrutura e funcionamento da sociedade como objeto da experiência e limitar-se à análise dos fatos sociais, econômicos e políticos na efetivação histórica dos mesmos, enfocando-os pela perspectiva científica, Marx prefere fundir os dados da sociologia, da política, da economia e da história com a visão filosófica.

Por isso a sociologia da classe operária serve apenas de encontro com dados concretos que, de imediato, são aferidos pela ótica da filosofia.

Destarte, a sociologia coopera para o levantamento dos fenômenos sociais que passam a ser filmados pelos princípios metafísicos.

Não admira a miscelânea que daí resulta. Visto que a filosofia hegeliana privilegia a dinâmica em busca do futuro próximo, Marx ingressa nesse ritmo progressista a fim de profetizar o sucesso para breve de seus anseios, ou seja, a implantação do regime comunista.

Em síntese, a sociologia de Karl Marx se relaciona com a metafísica hegeliana. Assim, forma um complexo bivalente de ciência e de filosofia.

Daí advém uma visão bastante ambígua, embora fascinante. Eis porque o presente livro recebe o nome de "A Sociologia

do Marxismo". Sem preterir os elementos que caracterizam o método sociológico, destaca também a dimensão do nível filosófico tal como apregoadado por Karl Marx.

Biografia de Karl Marx

Karl Marx nasceu em 15 de maio de 1818 em Trier, Alemanha, segundo filho do advogado liberal Heinrich Marx e de Henriette Pressburg. O pai e a mãe de Karl eram de origem judaica. Mas, por causa das leis antissemitas que vigoravam na região, Heinrich, para não perder o direito de exercer sua profissão, decidiu converter-se ao protestantismo. E foi nessa nova confissão que ele educou seu filho.

Completados os estudos secundários em Trier, Karl Marx foi para Bonn, onde ingressou na universidade, seguindo os cursos de Direito. Vendo que o filho se dedicava mais à vida mundana que aos estudos, Heinrich transfere-o em 1836 para a universidade de Berlim que, segundo lhe parecia, era mais austera e mais exigente com os estudantes.

No novo centro de estudos superiores, Karl Marx entrou em contato que renomados professores e escritores. Passou a frequentar o "Doktor Club", círculo de intelectuais que seguiam os ensinamentos filosóficos de Hegel. Nesse clube conheceu professores de diferentes áreas do conhecimento e selou grandes amizades com muitos dos frequentadores que defendiam posições radicais em filosofia, política e sociologia.

Em 1841, como trabalho conclusivo do curso de filosofia, redigiu a tese intitulada *As diferenças entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*, que o fez descobrir

a crítica materialista da religião. Por meio da filosofia, se inteirou das correntes materialistas, das novas idéias de política econômica que se difundiam na Europa e que tendiam para o socialismo nascente.

Em 1842 tornou-se redator-chefe da *Gazeta Renana*, jornal de oposição fundado por burgueses radicais, para o qual colaboravam com artigos eminentes estudiosos e intelectuais da época. Foi então que tomou conhecimento dos problemas econômicos e conheceu melhor o socialismo francês, pela leitura de Saint-Simon, Fourier, Proudhon e outros. Mas em meados de janeiro de 1843, o periódico foi interditado pelas autoridades da região. Nesse mesmo ano de 1843, Marx casou-se com uma amiga de infância, Jenny von Westphalen e mudou-se para Paris, onde lançou os *Anais Franco-Alemães*, mas o periódico parou no primeiro número. Neste, publicou *A questão judaica* (1844).

Na capital francesa, manteve contato com vários escritores e intelectuais, franceses ou não, e conheceu especialmente Friedrich Engels, que seria seu amigo e colaborador pelo resto da vida. Em 1844 redigiu *Manuscritos econômico-filosóficos*, texto que seria publicado somente em 1932. Durante essa sua estada em Paris, colaborava também com o periódico alemão *Avante* (*Vorwärts*), jornal dos artesãos comunistas da Alemanha. A ligação com esse movimento comunista alemão lhe valeu a expulsão da França, decretada em janeiro de 1845. Refugiou-se na Bélgica.

O período vivido em Paris (1843-1845) e depois em Bruxelas (1845-1848) foi marcado por uma intensa atividade política. Multiplicou os contatos com os militantes operários e os emigrados alemães e, junto com Friedrich Engels, fundou a *Socieda-*

de dos operários alemães de Bruxelas. Engels e Marx publicaram, em 1845, o livro *A sagrada família*, escrito dirigido contra os hegelianos de esquerda. Ambos escreveram também, no mesmo ano e contra os mesmos hegelianos, o livro intitulado *A ideologia alemã*. Da lavra de ambos ainda é o livro intitulado *As teses sobre Feuerbach*, mas não foi publicado de imediato; Engels providenciou sua impressão e publicação somente em 1888, cinco anos após a morte de seu amigo e co-autor Karl Marx. Em 1847, Marx redigiu e publicou *A miséria da filosofia*, resposta contundente ao livro intitulado *A filosofia da miséria*, publicado pouco antes, do economista Pierre-Joseph Proudhon. Nesta obra, Marx ataca e condena o socialismo utópico de Proudhon e defende a ideia de um socialismo filosófico. Por solicitação da Liga dos Comunistas, Marx e Engels redigiram, em janeiro de 1848, o célebre *Manifesto do partido comunista* (excertos dele encontram-se como anexo do presente estudo e análise do pensamento sociológico de Karl Marx).

Expulso da Bélgica, Marx se refugiou em Colônia, na Alemanha, onde lançou a *Nova Gazeta Renana*, para a qual escreveu numerosos artigos em favor dos operários. Por intervenção das autoridades, o periódico foi empastelado pouco tempo depois de ter surgido. Perseguido, Marx voltou para Paris, mas por pouco tempo, pois sua permanência na capital francesa foi-lhe proibida.

O defensor das ideias comunistas, malvisto e malquisto na Europa continental, decidiu finalmente buscar guarida na Inglaterra, onde, acreditava ele, poderia gozar de paz e tranquilidade, além de poder dar seqüência à sua luta em favor das classes operárias. De fato, teve liberdade de expressão, embora tenha

enfrentado imensas dificuldades financeiras. Esse aperto financeiro foi em parte amenizado pela ajuda de seu amigo Engels que, praticamente, passou a sustentá-lo.

Em Londres, Marx presencia a exploração do operariado pelas mãos do capitalismo industrial. Dedicar-se com grande afã em estudos e pesquisas sobre economia, história, sociologia e política, estudos e pesquisas que seriam fundamentais para a elaboração de sua obra máxima, *O Capital*. Nesse meio tempo, e mais precisamente em 1859, publicou a obra *Crítica da economia política*.

Em 1864 foi convidado a assumir a direção da *Associação geral dos operários alemães* (que se transformaria na “Associação internacional dos trabalhadores” – conhecida logo a seguir como “Primeira Internacional”), para a qual redigiu o *Discurso inaugural* e os *Estatutos*. Passando por Paris, participou ativamente da definição dos programas dos partidos operários alemão e francês. Continuou escrevendo em parceria com Engels, mas caiu doente, deixando sua obra máxima, *O Capital*, incompleta, embora a primeira parte já tivesse sido publicada parte em 1867 (as duas outras, redigidas por Engels a partir de notas de Marx, foram publicadas entre 1885 e 1894). Em 1875, publica o livro *Crítica ao programa de Gotha*, obra dirigida contra as idéias socialistas de Ferdinand Lassalle, de quem fora amigo mas com quem havia rompido posteriormente.

Sempre em Londres, Marx continuou empenhado na redação de sua obra mais conhecida, *O Capital*. De saúde enfraquecida, talvez por causa das grandes privações por que passara e pelas quais continuava passando, em 1881 assistiu à morte de sua esposa Jenny von Westphalen. Em 1883, presenciou a mor-

te de sua filha. Abatido pela perda das duas e com sua saúde deteriorando-se sempre mais, Marx não resistiu, vindo a falecer no dia 14 de março de 1883.

Obras de Karl Marx

1. Contribuição à crítica da filosofia do Direito de Hegel (1843)
2. Manuscritos econômico-filosóficos (1844)
3. As teses sobre Feuerbach (1845)
4. Miséria da Filosofia (réplica a Proudhon, autor de *Filosofia da miséria*) (1847)
5. Lutas de classes na França (1850)
6. Crítica da economia política (1859)
7. O Capital (em três volumes, sendo os dois últimos redigidos por Engels)
8. A guerra civil na França (1871)
9. Crítica ao programa de Gotha (1875)
10. Considerações sobre o programa do Partido Operário Francês (1880)
11. Obras escritas em parceria com Engels:
 - a) A Sagrada Família (1845)
 - b) A Ideologia Alemã (1846)
 - c) O Manifesto Comunista (1848)
 - d) Anti-Dühring (1878)

A Influência de Hegel

1. A filosofia de Georg Wilhelm Hegel (1770-1831), reinante na época de Marx, professava, antes do mais, dois princípios lógicos: o da identidade do ideal com o real e o princípio da contradição.

O princípio da identidade entre o ideal e o real assegura que tudo quanto é racional é real e que tudo quanto real é racional. Assim, pensamento ou idéia e coisa não podem ser entendidos como algo de diverso. Se fossem conflitantes, a realidade seria incognoscível.

Por isso, a metafísica e a realidade objetiva formam uma única coisa. O princípio da contradição declara que, no plano da realidade, nada existe que seja idêntico a si mesmo. Aí tudo está submetido à dialética da afirmação e da negação. Este princípio funciona como mola motora do método hegeliano. Tudo passa por três fases: tese, antítese e síntese. Enquanto tese, ostenta a realidade existencial; como antítese transita para algo de oposto; por fim, qual síntese reaparece com a nova aparência do complexo que recompõe em unidade evoluída os elementos anteriores.

2. Os seguidores de Hegel formaram duas alas: uma da direita e outra da esquerda.

Os hegelianos da direita como Rosenkrang e Herdermann alteram a doutrina do mestre e tentam um acordo com a ortodoxia e a fé cristã. Assim, professam a imortalidade da alma e a transcendência de Deus.

Os hegelianos da esquerda como Feuerbach, Marx e outros adotam a filosofia de Hegel com radical negação dos fenômenos sobrenaturais. A religião seria mera hipóstase das necessidades, dos desejos e dos ideais humanos. Assim, não foi Deus quem criou o ser humano e, sim, o homem que criou o seu Deus.

A doutrina comunista

1. O socialismo comunista apregoado por Karl Marx pode ser definido como movimento que visa transformar a organização da sociedade mediante a radical mudança em seus mecanismos econômicos, com vista na redistribuição mais adequada dos bens materiais, de modo a não existir qualquer privilégio de riqueza particular.

2. Assim, Marx supera o socialismo utópico e implanta o científico, que ganha espaço regido pelo processo histórico, cuja coerência interna anuncia sua realidade plena para logo.

Marx adota da doutrina hegeliana o mecanismo da evolução regida pela dialética enquanto prestigia o conceito emitido por Feuerbach, que substitui o objeto da religião, ou seja, Deus pelo homem. Esse, porém, não na sua individualidade limitada, mas como sociedade dinâmica e perfectível.

3. Enquanto Marx nega o idealismo exótico de Hegel, afirma o materialismo regido pela dialética cujo fluxo é alimentado pela luta interna, graças às contradições entre as classes sociais em perene conflito por causa da propriedade particular e das desigualdades geradas pelo desfrute comandado pelo capitalismo. Por isso, a vida social e econômica desencadeia a infindável luta de classes, uma vez que o proletariado se opõe à categoria dos patrões, tal como a antítese à tese, conforme seu sistema dialético.

4. Esse confronto permanente não resulta só da vontade dos seres humanos nele implicados. É também produto da lei da natureza que predis põe a humanidade para alcançar a autêntica democracia. Essa se efetiva quando a categoria dos operários comanda a produção econômica. Então surge a sociedade dos proletários, cujo comando terá consistência e durabilidade.

5. Eis porque essa nobre perspectiva convoca o operariado para a união.

Uma vez organizado, ele adquire mais consistência nos seus direitos. Então se instala o modelo ideal de sociedade.

Tudo isso está expresso no texto revolucionário do “Manifesto Comunista”, escrito em 1848, cujo apelo convoca o proletariado do mundo para suas conquistas: “Proletários do mundo todo, uni-vos”

O fenômeno da alienação

1. No texto relativo às “Teses sobre Feuerbach”, Marx demonstra que o ser humano entra em processo de autodestruição e aliena-se de si mesmo, projetando-se ao encontro com um Deus imaginário. Isso, porém, é compreensível, visto que a religião, como “ópio do povo”, configura o homem que, oprimido pelo mecanismo social, busca no imaginário da fé religiosa o conforto de que está carente.

2. Depois desse aceno para o fenômeno da alienação, Marx, no texto “O Capital”, explicita o que está ocorrendo na concretude dos efeitos sociais relacionados com a vida

do operário. O trabalho, em vez de realizar existencialmente o operário, torna-o alienado de si próprio. Essa alienação resulta do fato que, ao invés de o homem humanizar a natureza, esta é que o materializa.

Segundo Marx, a alienação do operário consiste, antes de mais nada, no fato de que o trabalho é externo ao operário, isto é, não pertence ao seu ser. Portanto, ele não se afirma em seu trabalho, mas renega-se; não se sente satisfeito, mas infeliz; não desenvolve energia física e espiritual, mas definha seu corpo e destrói seu espírito. Por isso, somente fora do trabalho é que o operário se sente senhor de si. No trabalho, ele se sente fora de si. O seu trabalho, portanto, não é voluntário, mas constricto e opressivo. É trabalho forçado.

Essa alienação produzida pelo trabalho faz com que o operário fique tanto mais pobre e alienado quanto mais produz para o capitalista, seu patrão.

Análise crítica contra o “Manifesto Comunista” de Marx

1. A doutrina política de Marx fundamenta-se no materialismo dialético e histórico. Denomina-se materialismo porque seus conceitos diretivos são de conteúdo material; é dialético porque se apoia no método dialético de Hegel, no que tange à evolução dos fenômenos sociais; enfim, qualifica-se como histórico porque os princípios do materialismo dialético são aplicados à evolução dos fatos sociais e à política dos povos no decurso da marcha do tempo.